

09-08-2024

Madame Satã: artista, malandro e viado bom de briga

Heliano Crisalvo Jordão

[Militar aposentado. Enfermeiro]

Nascido em 1900, em Glória do Goitá, Pernambuco, João Francisco dos Santos, filho de Manoel Firmino dos Santos e de Firmina Teresa da Conceição, descendentes de escravos, conhece a pobreza desde cedo, fator que aumenta com a morte de seu pai quando ainda tinha 7 anos de idade. Na esperança de vencer as dificuldades, sua mãe o troca por uma égua, com um negociante de cavalos chamado Laureano com a promessa de ter casa e estudos. Porém, enfrentou a dura realidade de ser obrigado a cuidar dos cavalos. Nesse período, conhece Dona Felicidade que o convence a fugir para o Rio de Janeiro, onde ela abre uma pensão e passa a explorá-lo: *"...com Laureano e seus cavalos ou com D. Felicidade e seus clientes, trabalhava pesado sem receber nada, era escravo do mesmo jeito, não recebia nada que uma criança merece."* Em 1913 foge e vai viver na Lapa, sobrevive como menino de rua aprendendo a "se virar". Um período duro, sem recursos, sem auxílio. É obrigado a fazer pequenos serviços em troca de pouco dinheiro, recorrendo a pequenos furtos, até que consegue trabalhos como garçom. Aprende a cozinhar e, trabalhando em uma pensão no Catete, conhece a atriz Sara Nobre que o insere no mundo do teatro, se apresentando vestido de mulher, uma prática comum da época, devido ao pequeno número de mulheres em peças teatrais, dado o conceito de que mulher no teatro "era puta". No início dos 1920, conquista reconhecimento no meio da malandragem onde recebeu o apelido de "Caranguejo" devido a potente canhoto que usava com desembaraço nas brigas e confusões em que se envolvia.

Em eventos com a polícia, nas mesas de jogos, nos bares e cabarés que frequentava se consolida a fama de valente.

Em 1928 acontece um marco em sua vida. Trabalhava como artista nas peças de teatro e, após uma apresentação, lanchava em um bar quando o guarda noturno Alberto, conhecido como "Vinte e Oito", o insulta chamando-o de "viado". A provocação foi ignorada a princípio, porém passa a ser contínua.

Ao se dirigir ao guarda e dizer que estava vindo do trabalho ouviu *"...trabalhando dando a bunda ou roubando, só se for..."*

Dos insultos passaram a agressão com cassetete.

A fera ferida foi em casa pegou a pistola, voltou para tirar satisfações, e acabou atirando no guarda.

O assassinato lhe rendeu a primeira condenação, 16 anos na Prisão de Ilha Grande, onde cumpriu 2 anos e 3 meses por ter sido considerado legítima defesa. Dos 72 anos de vida, Madame Satã passou quase 28 anos detido, em momentos intercalados. A cadeia o fez perder o trabalho nos palcos e passou a sobreviver na Lapa Boêmia dos Grandes Cassinos e cabarés da região como segurança de prostitutas e protetor das bichas, impedindo que fossem agredidas por clientes, cafetões e mesmo policiais. A região era um prato cheio para a polícia. E as instituições, com suas regras de correção moral da sociedade, visavam, assim como Madame Satã, homossexuais, prostitutas, pretos, malandros... As dificuldades não eram somente o desemprego, faltava política nesse sentido. O apelido de *Madame Satã*, João Francisco recebeu depois de ser detido com um grupo de bichas e prostitutas no Passeio Público a bem de ordem pública.

Ao ser perguntado seu apelido, recusa-se a informar temendo ser reconhecido como malandro. O delegado o reconhece dos desfiles de carnaval do bloco *Caçadores de Veados* e associa sua fantasia à do personagem do filme "*Madame Satã*" em cartaz à época no cinema.

"...A malandragem estava presente inclusive no corpo de Madame Satã, que usava camisa de seda, calça fina e tamanco, os dedos cheios de anéis, sem esquecer do chapéu Panamá, sua marca registrada e da navalha no bolso, sempre preparado para o que estaria por vir.

A homossexualidade também não estava dissociada de sua figura, ora pelos constantes ataques que sofria e que resultavam nas brigas e consequentemente nas prisões, ora pelo fato de que, em plenas primeiras décadas do século XX, ser ele assumidamente homossexual..."¹

Em 1954, Madame Satã se apresenta nos palcos interpretando Carmem Miranda. Um ano depois seria preso por mais 10 anos.

Foi sua última cadeia. Volta à liberdade em 1965, período da Ditadura Militar, resolve voltar para a Ilha Grande onde passa a residir e casa-se, tendo 6 filhos de criação. Em 1971 concede entrevista ao Pasquim e alcança o reconhecimento público.

Retorna aos palcos, surgem ofertas de empregos e o retorno da Rainha da Lapa em alto estilo. Em 1974, Satã atua na peça "*Lampeão do Inferno*", interpretando o diabo! Ao lado de Tânia Alves e Elba Ramalho. Em 1976, morre vítima de um câncer pulmonar.

Sua história, testemunho contundente das políticas de des-direitos humanos, está registrada na Lapa dos Anos Boêmios, no imaginário popular e suas várias referências.

■ ■ ■

Fontes: 1. O Pasquim e Madame Satã, a "rainha" negra da boemia brasileira* James N. Green. // Madame Satã, João Francisco dos Santos: O Rei e a Rainha da Lapa (1900-1976) Hiago Feitosa da Silva.

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, a perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.